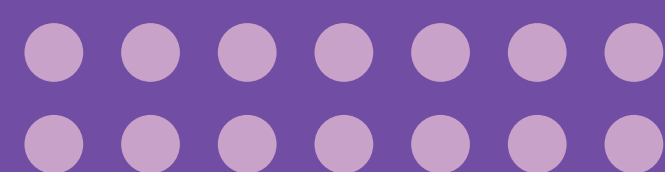




# JORNAL LILÁS

EDIÇÃO: MARÇO DE 2021



## SINPROJA

Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Jaboatão dos Guararapes

FILIADO À CN E CUT





JORNAL LILÁS MARÇO 2021 – PÁGINA 01

## 100º ANIVERSÁRIO DE PAULO FREIRE: 1921-2021

Moema L. Viezzer (VIEZZER. 1996, p. 596) contou que num encontro nacional sobre Educação Popular, em Piracicaba, 1986, fez por escrito a seguinte pergunta ao Mestre Paulo Freire:

*“Paulo, como você vê a questão das relações de dominação e opressão entre homens e mulheres em nossa sociedade?”*

Ele respondeu:

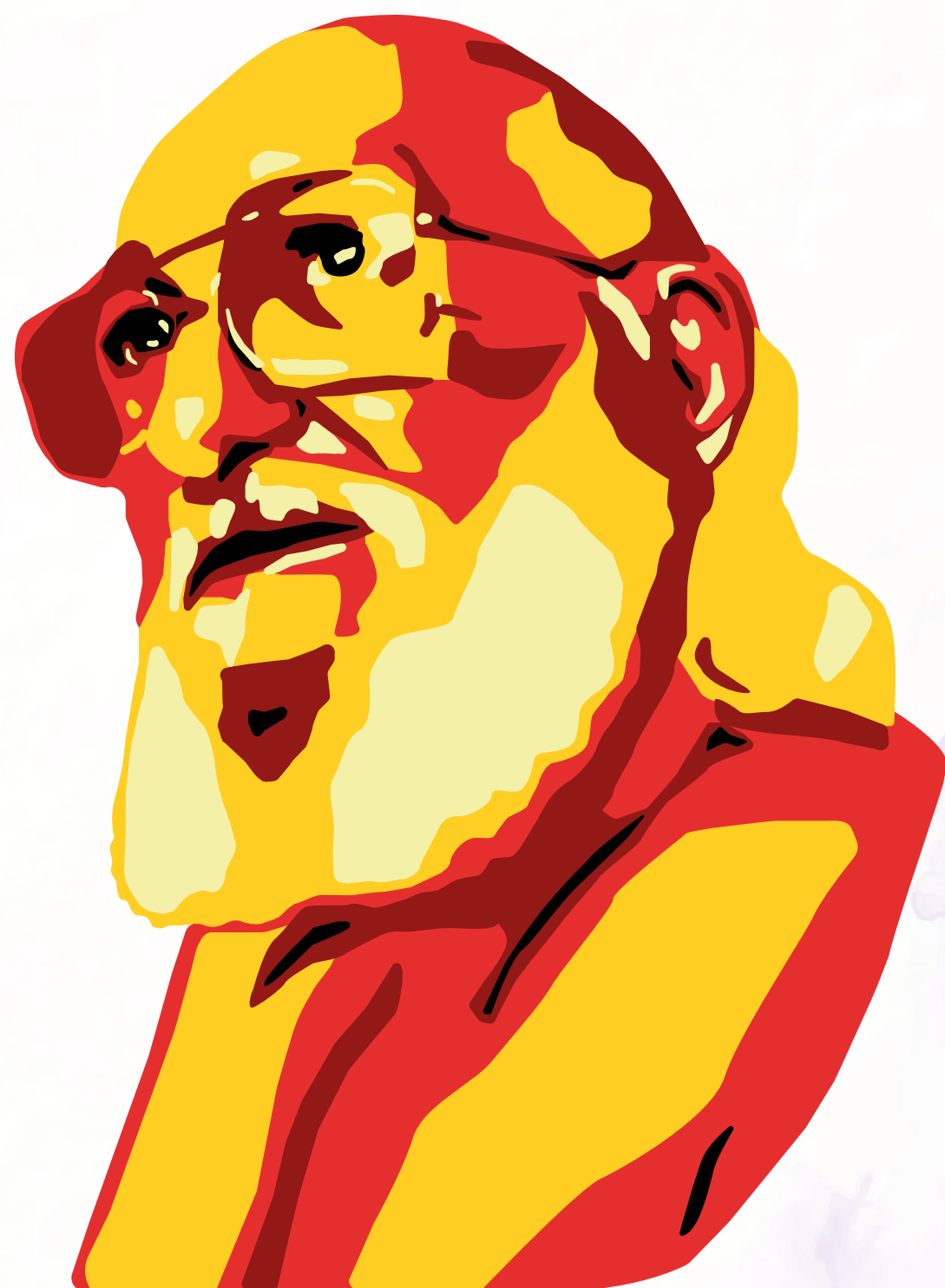
*“Eu jamais teria escrito Pedagogia do Oprimido se, ao mesmo tempo, eu me permitisse oprimir minhas filhas, minha esposa e as mulheres com quem trabalho. As mulheres estão certas em organizar-se e dizer o que tem que ser mudado em relação às opressões que hoje sofrem. E nós, educadores, precisamos entendê-las, ouvi-las e acompanhar as mudanças que ocorrerão graças às suas iniciativas.”*

No mês da mulher, as trabalhadoras em educação, sindicalistas e dirigentes do SINPROJA, são protagonistas na elaboração de mais uma edição do Jornal Lilás.

Como em outros anos, apresentamos uma publicação feminina e feminista. Pois, somos fortes, somos diversas, somos versáteis. Queremos e podemos ocupar espaços, garantir direitos e combater todas as formas de opressão na qual as mulheres são submetidas.

Nesse sentido, o Jornal Lilás oferece opiniões políticas, depoimentos, entrevistas, dados estatísticos, sugestões de lazer e de cultura. Venha conosco e tenha a certeza que o horizonte é infinito, como infinitas são as possibilidades de atuação conjunta em prol da construção de um mundo mais justo. Um mundo onde as mulheres tenham direito a uma vida mais humanizada, por meio do empoderamento e da libertação, caminhando em parceria com os homens, sem violência, sem preconceito.

Sonhar coletivamente é construir mudanças. Essa é a nossa tarefa enquanto militantes.



JORNAL  
**LILÁS**



**SINPROJA**  
Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Jabotão dos Guararapes  
FILIADO À CNTE CUT

EXPEDIENTE

**Presidente**  
Ronildo Oliveira

**Vice-Presidenta**  
Séphora Freitas

**Secretaria Geral**  
Jacqueline Sobral  
Rita de Cassia

**Sec. Finanças**  
Zé Roberto  
Everaldo Santos

**Sec. de Ass. Educacionais e Culturais**  
Eugênia Lemos

**Secretaria de Formação**  
Marcelo Galdino  
Iron Mendes

**Sec. Imprensa e Comunicação**  
Dilson Marques  
Carol Leal

**GOAAM**  
José Bandeira

**Sec. de Patrimônio e Filiação**  
Fred Sales  
Ivan José

**Secretaria de Políticas Sociais**  
Tamires Carneiro  
Elyane Reis

**Sec. Aposentados e Ass. Previdenciários**  
Frazão  
Maristela

**Conselho Fiscal**  
Josafá Cavalcanti  
Manuel Novo  
Regineide Oliveira

**Jornalista**  
Henrique Lima (DRT-PE 6239)

**Projeto Gráfico**  
PH Assessoria





## DESAFIO POLÍTICO PARA AS MULHERES

JORNAL LILÁS MARÇO 2021 – PÁGINA 02

DE MARÇO



2020 foi um ano difícil para todas as pessoas. Questões emocionais, como ansiedade, depressão, angústia e medo foram vivenciadas com mais intensidade durante a pandemia que assolou o mundo. Para as mulheres foi ainda mais forte, visto que a violência, causada pelo machismo, aflorou as cobranças culturais e sociais que obrigaram mulheres a se tornarem as principais responsáveis pelo cuidado com a casa e a família.

Não é novidade que as mulheres têm triplas jornadas de trabalho. A pandemia aumentou as demandas delas, criando o desafio de conciliar o trabalho doméstico e o trabalho remoto, no mesmo espaço de tempo. Todo esse contexto tem a ver com política, considerando que a maioria das mulheres não tem disponibilidade de participar de espaços de poder, pois lhes são dados outros tipos de responsabilidades, enquanto direitos históricos são negados.

No entanto, o acesso da mulher aos espaços políticos vem sendo conquistado por meio de muita luta. No mundo inteiro existiu e existem mulheres que batalham pela inclusão. No Brasil, o avanço político delas foi iniciado no ano de 1932, com o direito ao voto, que fez os homens compreenderem que o envolvimento da mulher nas eleições poderia ser vantajoso. Mesmo assim, ainda é mais difícil para a mulher estar nos espaços políticos de poder do que para o homem, isso devido à cultura machista e misógina. Eleger uma mulher continua sendo desafiador. Percebemos que, apesar de existir cota, nem sempre elas conseguem ocupar esses espaços e algumas das que ocupam não representam, de fato, a maioria, que são negras e trabalhadoras.

No atual cenário brasileiro, as políticas públicas de emancipação para as mulheres têm sofrido retrocesso, embora elas sigam resistindo. Em Pernambuco, por exemplo, existem entidades que têm histórias de lutas em defesa das mulheres, tais como: Coletivo de Mulheres da CUT, Rede de Mulheres de Pernambuco, Rede de Mulheres Negras, Conselhos Municipais de Mulheres, Organizações Não Governamentais.

Nesse sentido, o SINPROJA tem o objetivo político de abraçar essa pauta, criando o Coletivo de Mulheres da entidade. Esse espaço é necessário, pois, a categoria da educação é formada majoritariamente por mulheres. Por isso, formular alternativas para promover o empoderamento feminino é um dever. É preciso fortalecer as mulheres para que possam enfrentar a cultura machista, misógina, preconceituosa e racista, motivo de violência e feminicídio na sociedade atual. A Secretaria de Políticas Sociais do SINPROJA convida as trabalhadoras em educação do Município a agregarem forças na luta pelas pautas femininas. Venha conosco formar o Coletivo de Mulheres do SINPROJA.

**INFORMAÇÕES NO ALÔ SINPROJA:**  
(81)9 8151-2248 (Sarah) (81)9 8151-2196 (Suellen)





# ENTREVISTA

JORNAL LILÁS MARÇO 2021 – PÁGINA 03

DE MARÇO

**1-JORNAL LILÁS: Você participou do início da história do SINTEPE. Integrou a Escola de Formação da CUT. No caminhar, voltou para o cotidiano da escola e, há 03 anos, retomou a vida sindical. Agora, encontra-se como vice-presidenta da entidade que ajudou a fundar há 31 anos. Numa conjuntura tão difícil, o que motivou a sua volta?**

**IVETE:** A participação nas lutas dos trabalhadores em educação, desde a época da APENOPE, como base militante, bem como na fundação do SINTEPE, foi fundamental para a minha formação como ser humano sociopolítico e educadora comprometida com a justiça social.

Sou professora de História, mulher e mãe. Filha de uma mãe feirante e um pai motorista, portanto, sou classe trabalhadora, filha da classe trabalhadora, historicamente excluída de todos os direitos neste país. A participação nas greves e nas lutas coletivas foi transformadora na minha vida, pois me ajudaram a compreender que a responsabilidade da nossa pobreza não era de meu pai e de minha mãe, que as privações pelas quais tivemos que passar na nossa infância e adolescência tinham razões sociais, econômicas e políticas.

As descobertas e a compreensão sobre as relações sociais no mundo, foram descobertas também sobre qual ser humano escolhemos ser, bem como qual o sentido de nossas vidas. Descobri-me como gente, como ser político, com direito a formular novos direitos na luta coletiva, nas lutas do SINTEPE e da CUT. A luta coletiva é marcante, é subjetivamente forte, e definiu o que eu fui e o que eu sou. A minha volta, portanto, é um retorno na condição de dirigente sindical desafiada novamente a estar na linha de frente das lutas coletivas que me definiram como gente, como ser humano inserido numa coletividade por direitos e justiça social.

**2-JORNAL LILÁS: Muitos dizem que o movimento sindical precisa se reinventar. Que avaliação você faz dessa afirmativa?**

**IVETE:** O movimento sindical precisa se reinventar porque somos seres inacabados, como nos diz Paulo Freire, mas também, porque o mundo do trabalho mudou e as formas capitalistas de domi-



**Ivete Caetano**

*Vice-Presidenta do SINTEPE*

-nação e exploração passaram por transformações que modificaram as identidades e pertencimentos da classe operária, isso desde o início da revolução industrial.

A reinvenção do movimento sindical está na resposta da pergunta sobre: quem é hoje a classe trabalhadora neste mundo do trabalho, mundo este em constante mutação? Quais formas de atuação e de lutas podem ser feitas, quando as relações de trabalho alienantes são fluidas e, cada vez menos, aparentes? Quais lutas e direitos podem criar identidade coletiva capaz de forjar movimentos libertadores e libertários, pelo fim de todas as formas de exploração, discriminação e preconceitos?

**3-JORNAL LILÁS: O SINTEPE é referência para outros sindicatos, até em nível nacional. Por isso, é importante que você nos diga quais os principais desafios para a educação pública em 2021.**

**IVETE:** O SINTEPE é referência nas lutas educacionais e nas lutas gerais da classe trabalhadora, em articulação com a CNTE e a CUT. Os principais desafios em 2021 estarão relacionados à garantia da educação como direito humano e o direito à saúde e à vida, dentro desse contexto da pandemia, em que crescem os novos casos do coronavírus, as internações hospitalares, as ocupações de leitos de UTIs e a média móvel de óbitos.

Diante de um governo genocida, que nega a ciência e a educação, a pauta de luta da educação será também em defesa da campanha de vacinação nacional, de retorno às atividades presenciais, somente após a vacina, bem como em defesa do auxílio emergencial como medida de redução da desigualdade social. Mobilização contra as PECs que visam retirar o financiamento das políticas sociais, contrarreforma administrativa e em defesa das estatais, que fortalecem o papel do estado na economia e no financiamento da escola pública.

No âmbito estadual e municipal, os grandes desafios serão a valorização profissional, a defesa do Piso Salarial, do Plano de Cargos e Carreira, e a garantia das condições de trabalho, que foram deterioradas com a intensificação do trabalho e a ausência de formação para novas tecnologias.



Além disso, é desafio também a garantia dos direitos no âmbito do trabalho remoto, como a liberdade de cátedra, a desconexão e a ausência de proteção nos ambientes de trabalho virtual das salas de aula. Serão desafios permanentes a garantia do direito à inclusão digital de estudantes e trabalhadores em educação, ao conhecimento e à escola pública, laica, plural, democrática e inclusiva, assim como o direito à saúde e à vida.

**4-JORNAL LILÁS: No mês da mulher, queremos saber seu recado para as companheiras sindicalistas, para as educadoras e para todas as outras companheiras que enfrentam tantos preconceitos nas lutas cotidianas.**

IVETE: Começo essa resposta com a citação de Bertolt Brecht:

## OS QUE LUTAM

Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons;

Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;

Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;

Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses/essas são os imprescindíveis.

Assim, somos nós, mulheres, em qualquer espaço que ocupemos e deveremos ocupar. Somos imprescindíveis porque nossos sonhos e utopias nos movem na busca de relações humanas solidárias, na empatia com o próximo, na luta por um mundo socialmente sustentável e economicamente justo.



## DEPOIMENTOS

JORNAL LILÁS MARÇO 2021 - PÁGINA 04

DE MARÇO

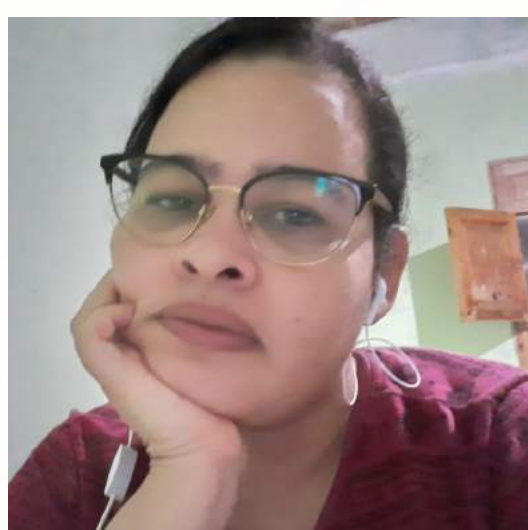
**Mulheres que representam os seguimentos que compõem a comunidade escolar, dizem o que mudou em suas vidas durante o período da pandemia.**



"Durante a Pandemia, percebi o quanto distante estava da família, por conta do trabalho. Aproveitei o isolamento para curtir e me reconectar com minha filha, filho e familiares." - **Andréa Miranda - Grupo Ocupacional de Apoio Administrativo ao Magistério - GOAAM.**



"Com essa epidemia muitas coisas mudaram. Tive que me adaptar com algumas mudanças de hábitos alimentares e higiênicos, no convívio com outras pessoas e mesmo com a privação de alguns lazeres que tinha. Por uma parte, foi bom, pois os costumes e valores familiares voltaram na minha casa. Posso dizer que eu e meus filhos nos unimos mais. Infelizmente, eu tive Covid. Mesmo assim, superei e continuei minha jornada. Hoje estou aqui, pronta, contando mais uma vitória." - **Edjane Maria dos Santos Ramos - mãe de estudantes da Rede Municipal de Jaboatão.**



"Para fugir de aglomerações urbanas, mudei meu endereço residencial junto com meus pais. Como nunca tinha mudado de endereço na vida, essa mudança acarretou para mim um profundo sentimento de desagregação afetiva e social. No meu antigo endereço conhecia todo mundo, tinha vários vínculos de solidariedade, afetividade e irmandade, já aqui nem a vizinha do lado conheço." - **Jacilene dos Santos Clemente - Professora de História da Escola Professor Roberto Inácio da Silva.**



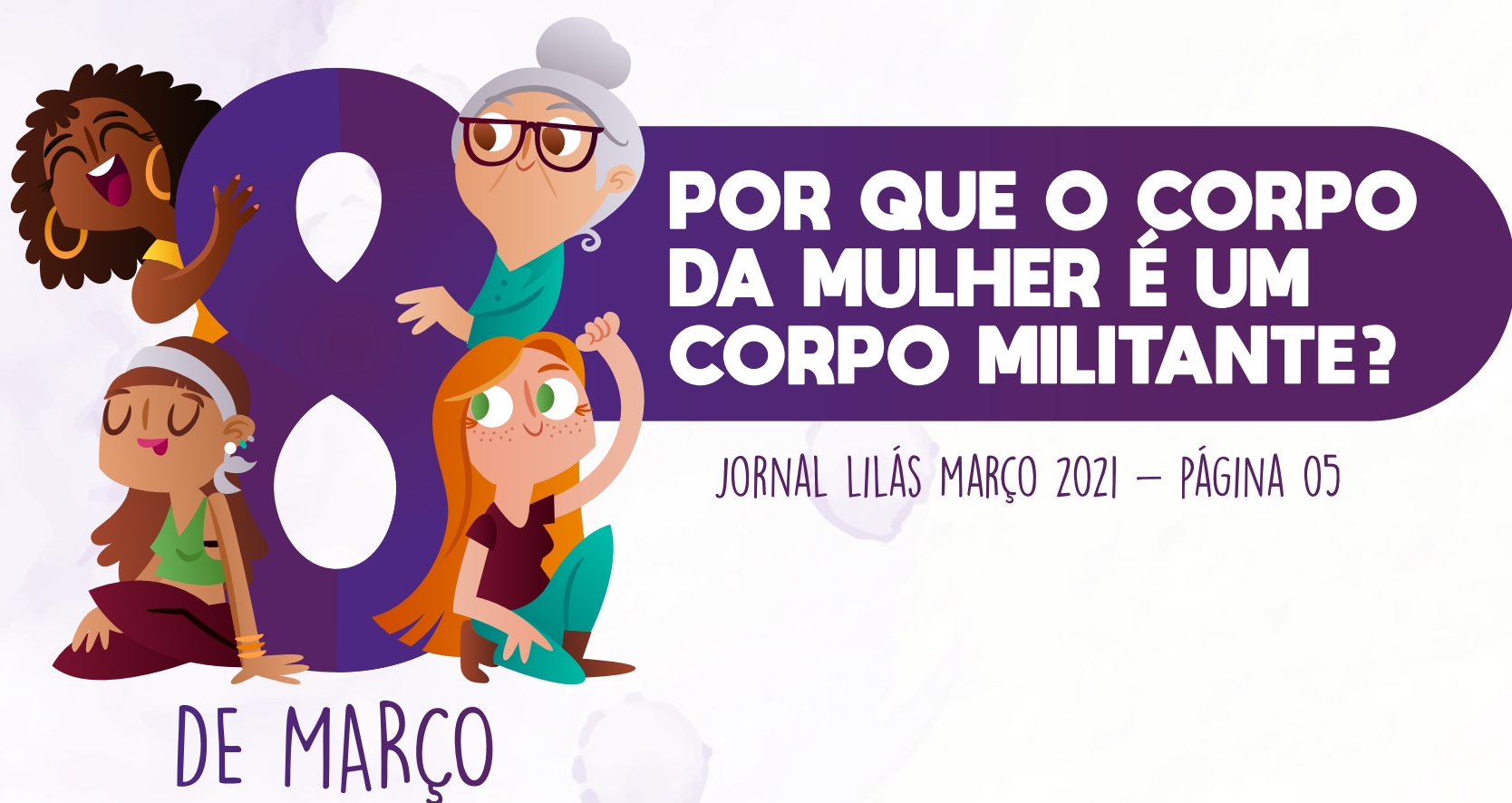


“A pandemia nos chegou liberando vários sentimentos em nossa vida. Um dos fatos primordiais foi a nossa fragilidade do medo de nos isolarmos do mundo e até mesmo dos nossos familiares. Mas, ao mesmo tempo, de sermos fortes, pois esse distanciamento tem como objetivo proteger aos que amamos. Como sindicalista, que sempre estava à frente nos movimentos da luta por sociedade melhor, tive de aprender a conviver com a tecnologia virtual, para dá continuidade à luta, pois acreditamos que juntos somos fortes e mesmos distantes continuamos firmes e unidos na luta”.

- **Maristela Ângelo - Sindicalista - Diretora do SINPROJA.**

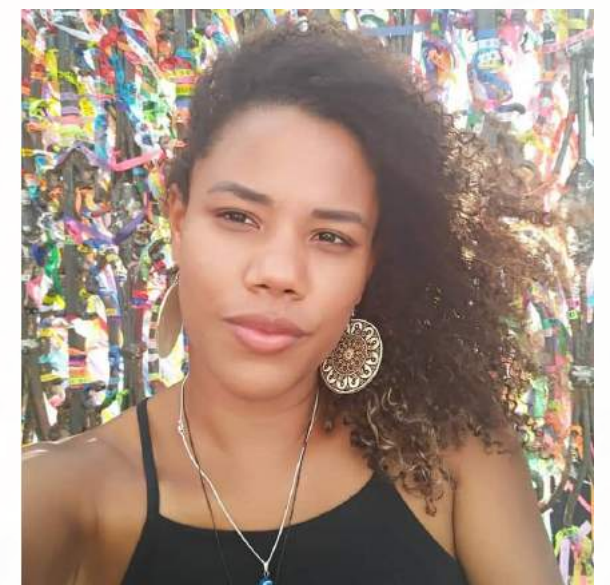


“Não mudou muita coisa, mas eu aprendi coisas novas, como gravar vídeos e editar. Estou me dedicando mais aos meus estudos, aprendendo inglês e informática. Tenho me dedicado aos desenhos, inclusive fiz muitos, até um Instagram eu criei para publicar meus desenhos. Conheci pessoas novas e estou fazendo curso para aprender mais coisas que ainda estão por vir”. - **Emanuelle Silva - Estudante do 8º ano da EMTI São Sebastião.**



## POR QUE O CORPO DA MULHER É UM CORPO MILITANTE?

JORNAL LILÁS MARÇO 2021 – PÁGINA 05



**Mayara Cristina Gomes de Brito**

Professora na Escola Professora Francisca Araújo da Silva  
Mestranda em Ensino de História-UFPE

Quando falamos sobre a luta das mulheres contra toda e qualquer forma de opressão destinada a elas, vem logo à cabeça o feminismo. Não querendo deslegitimar outras formas de lutas de mulheres, mas só para entender que esse movimento fez parte, inicialmente, de um levante coletivo de mulheres, formado, a princípio, de uma maioria branca, seguido por um único “formato” de gênero, cisgênero, e por corpos normativos - pessoas sem deficiências. Ou seja, mulheres que já se constituíam em lugares privilegiados, em comparação a outras, mas que buscavam oportunidades parecidas com as dos homens daquela época, sobretudo na questão financeira e política, isso em meio a uma sociedade patriarcal.

Sendo assim, outros corpos políticos se consolidaram na luta por conquistas específicas às suas questões identitárias, como: mulheres negras, mulheres com deficiência, mulheres indígenas, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros. Podemos perceber, então, que a questão do gênero é um fator

comum entre elas, fator esse que convive com o preconceito, a discriminação, a agressão, a inferiorização e até mesmo com a morte, simplesmente pelo fato de serem mulheres.

Somado a isso, muitas dessas mulheres, além de sofrerem com as mazelas do machismo e do sexismo, ainda sofrem com o racismo, a discriminação étnica e capacitista, além da homofobia e transfobia. Essas diferenças formam mais um ponto em comum entre elas, o que consideramos como minorias sociais, pois, além de viverem em uma sociedade machista, sexista, misógina, vivem também em uma sociedade que exclui esses corpos. Isso nos faz refletir que devemos lutar pelas nossas questões identitárias, mas também reconhecer e legitimar as lutas das diferenças, nossas irmãs. Mas, o que tem a ver a militância com tudo isso? Tem a ver com o fato de ser, existir, viver e, sobretudo, resistir enquanto mulher nessa sociedade. Inerentemente, isso já nos faz ser um corpo político militante.



SIM. Ao nos sentirmos bem, orgulhosas e libertas por sermos o que somos e como somos, sem ter que nos enquadrar em nenhum tipo de padrão imposto para nós, como: roupas, comportamentos, gostos, “não desejos” e “não prazeres”, por exemplo, somos esse corpo político militante.

Ao nos tornarmos mulher, dona de casa, mãe, esposa, estudante, trabalhadora informal, idosa, entre outras inúmeras posições delegadas às mulheres, por escolha ou condição, somos esse corpo político militante. Ao não aceitarmos ser um objeto ou um fetiche na mão de outra pessoa, sendo, muitas vezes, usada como um corpo que “serve” para dar prazer, mas não “serve” para ter uma relação afetiva com alguém, até porque empoderamento do corpo da mulher é uma coisa e a objetificação dele é outra, somos esse corpo político militante.



Ao presenciarmos qualquer tipo de agressão contra a mulher e aparecerem sensações como: revolta, empatia, acolhimento, denúncias, somos esse corpo político militante.

Ao tomarmos conhecimento de algum caso de feminicídio, e surgir sensações de impotência, bem como o pensamento de que “a próxima pode ser qualquer uma de nós”, somos esse corpo político militante.

Essa mulher que você é hoje, não surgiu do nada, muito menos de uma ação individual, mas sim de um processo coletivo de forças, identidades, lutas, empatias e conquistas advindas da militância de mulheres anteriores a você. Sim, você, esse corpo político militante negro, indígena, branco, lésbico, bissexual, travesti, trans e com deficiência.



Segundo dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2018 foram registrados 1.206 feminicídios no país. Dos quais, nove, em cada dez, a mulher foi assassinada pelo companheiro ou ex-companheiro. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil está em quinto lugar no ranking mundial do feminicídio. No mesmo ano foram registrados 263.067 casos de lesão corporal dolosa, dentro da Lei Maria da Penha. Ou seja, uma mulher sofre violência doméstica a cada dois minutos no Brasil.

Ainda segundo os dados do FBSP, também em 2018, nosso país registrou 66.041 casos de violência sexual, tendo uma média de 180 crimes por dia. Destes, 81,8% vitimavam mulheres e 53,8% do total das vítimas de crimes de violência eram meninas de até 13 anos. Importante destacar que uma menina de até 13 anos é estuprada a cada 15 minutos no Brasil e 75,9% dos agressores são conhecidos das vítimas (em sua maioria padrastos, pais, tios, primos, vizinhos e amigos da família).

Todas as formas de violência contra mulher citadas acima, e ainda muitas outras não mencionadas aqui, são intensificadas quando pensamos em variantes sociais como, mulheres trans, negras, baixa renda.

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) identificam que, desde o início da pandemia, a violência contra mulher cresceu no mundo. Especialmente a violência doméstica, tendo em vista que o confinamento das famílias aumenta os conflitos dentro de casa e obriga mulheres a permanecerem em convivência com seus agressores por mais tempo.



No Brasil não foi diferente. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que houve um aumento de 2% no número de assassinatos de mulheres em relação ao mesmo período do ano passado, o número de feminicídios também foi maior em comparação ao ano anterior.

Em contrapartida, chama-se atenção à redução dos números de denúncias. Seja por medo de denunciar, já que a vítima está confinada com o próprio agressor, na maioria dos casos, seja por medo de quebrar o isolamento ou pelas dificuldades causadas pelo contexto da pandemia, como fechamento parcial dos serviços públicos, funcionamento dos fóruns e da justiça, dificuldade com transporte.



No dia 20 de janeiro, um crime brutal chocou a comunidade de Comportas, em Jaboatão dos Guararapes. Uma Agente de Saúde foi roubada, agredida fisicamente e estuprada, por volta das 07 horas da manhã, quando chegou para abrir o Posto de Saúde do bairro.

Esse fato, o qual esperamos que não seja apenas mais um número nas estatísticas, muito pelo contrário, requer a exigência de punição ao criminoso, mas também revela aspectos da vulnerabilidade a qual as mulheres estão submetidas e que foi intensificada pela pandemia.

A precariedade na segurança dos postos de saúde da cidade, o fato da trabalhadora está abrindo o posto, atividade que não compete à função de Agente de Saúde, a menor circulação de pessoas na rua, devido ao isolamento social, certamente são fatores que facilitaram a ação do agressor.



PARTICIPAÇÃO DO SINPROJA NO ATO DA COMUNIDADE DE COMPORTAS (FOTO: HENRIQUE LIMA)



PARTICIPAÇÃO DO SINPROJA NO ATO NA COMUNIDADE DE COMPORTAS (FOTO: HENRIQUE LIMA)



## O QUE FAZER?

Os canais Disque 100 (Polícia Militar) e Disque 180 (Central de Atendimento à Mulher) funcionam para denúncias de violência contra a mulher. Durante a pandemia, também foi lançado o aplicativo Direitos Humanos Brasil para que denúncias de violências de qualquer natureza possam ser realizadas de forma rápida on-line. No entanto, sabemos que ainda temos muito a avançar.

O combate à violência contra mulher requer investimentos em políticas públicas de enfrentamento nas áreas de saúde, segurança e educação. Só assim a sociedade será capaz de modificar o modo machista, misógino e patriarcal de pensar e agir, que são as raízes de toda a violência sofrida por mulheres e meninas hoje no Brasil e no Mundo.



### COMO ESTÁ A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES?

JORNAL LILÁS MARÇO 2021 – PÁGINA 08

DE MARÇO



**Veruska Tavares**

Psicóloga, mestranda em Saúde Mental pela UPE  
Coletivo de Mulheres de Jaboatão

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental “é um estado de bem-estar no qual um indivíduo realiza suas próprias habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e é capaz de fazer contribuições à sua comunidade”.

Neste sentido, a saúde mental é muito mais que a ausência de uma doença ou de um transtorno mental. O conceito traz elementos que nos levam a pensar em nossa vida cotidiana, pois é no dia a dia que podemos exercitar nossas habilidades, lidar com as tensões surgidas, trabalhar no sentido produtivo e realizar contribuições para a comunidade em que estamos inseridas. Mas, então... será que podemos dizer que temos saúde mental?

A ONG Sempreviva Organização Feminista - organização não governamental, com sede em São Paulo, que faz parte do movimento de mulheres no Brasil e em âmbito internacional, atuando desde 1963 -, em conjunto com a Gênero e Número - organização de mídia que trabalha na interseção do jornalismo de dados, da pesquisa e do debate sobre direitos das mulheres, visibilizando e produzindo dados, a partir de narrativas, estudos e pesquisas -, produziram um estudo bastante importante, em julho de 2020, chamado: Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Participaram dessa pesquisa 2.641 mulheres, entre 15 e 89 anos, e suas respostas apontam para algo que muitas de nós vivenciam cotidianamente: o trabalho exaustivo na vida das mulheres.





A pesquisa aponta que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia da Covid-19; e 72% das mulheres participantes afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia de algum ente próximo dentro do domicílio. Esses dois primeiros dados já nos mostram o quanto a mulher está fortemente relacionada ao ato de cuidar em nossa sociedade. O cuidado está no centro da sustentabilidade da vida, requer tempo e energia. Entretanto, sua organização geralmente está baseada na exploração do trabalho de mulheres negras e no trabalho não remunerado das mulheres, ou seja, um trabalho que se torna invisível e, por isso, não remunerado. Os próximos dados trazem elementos também frequentes na rotina das mulheres, por exemplo, a sobrecarga de trabalho e a violência doméstica. 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salário afirmaram trabalhar mais na quarentena. 8,4% referem ter sofrido algum tipo de violência doméstica durante o período de isolamento.

Diante destes dados, percebemos o quanto a saúde mental das mulheres, durante a pandemia de Covid-19, vem sendo colocada à prova. Na última década, pesquisas que relacionam gênero e adoecimento mental tem trazido contribuições importantes para entender que o desgaste emocional, gerado pela sobrecarga de trabalho e pela vivência da violência, podem trazer reflexos negativos para a saúde mental das mulheres.



## FILMES



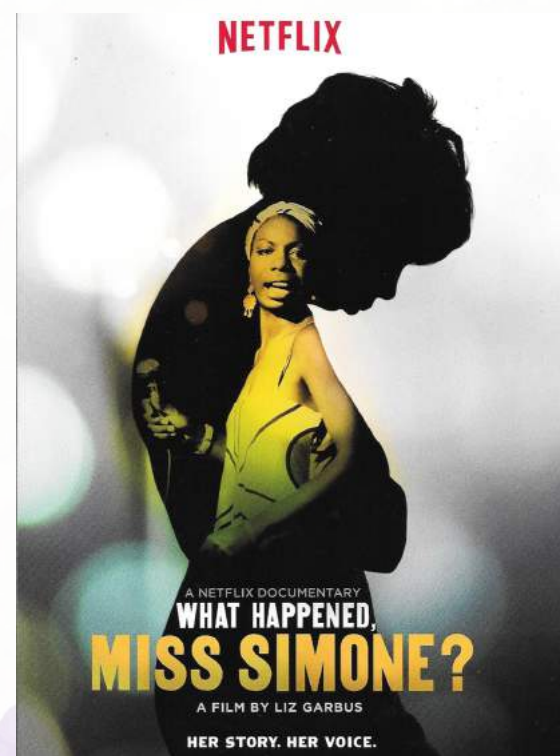
**AS SUFRAGISTAS**  
Direção de Sarah Gavron



**ESTRELAS ALÉM DO TEMPO**  
Direção de Margot Lee Shetterly



**FRIDA**  
Direção de Julie Taymor



**WHAT HAPPENED, MISS SIMONE?**  
Direção de Liz Garbus



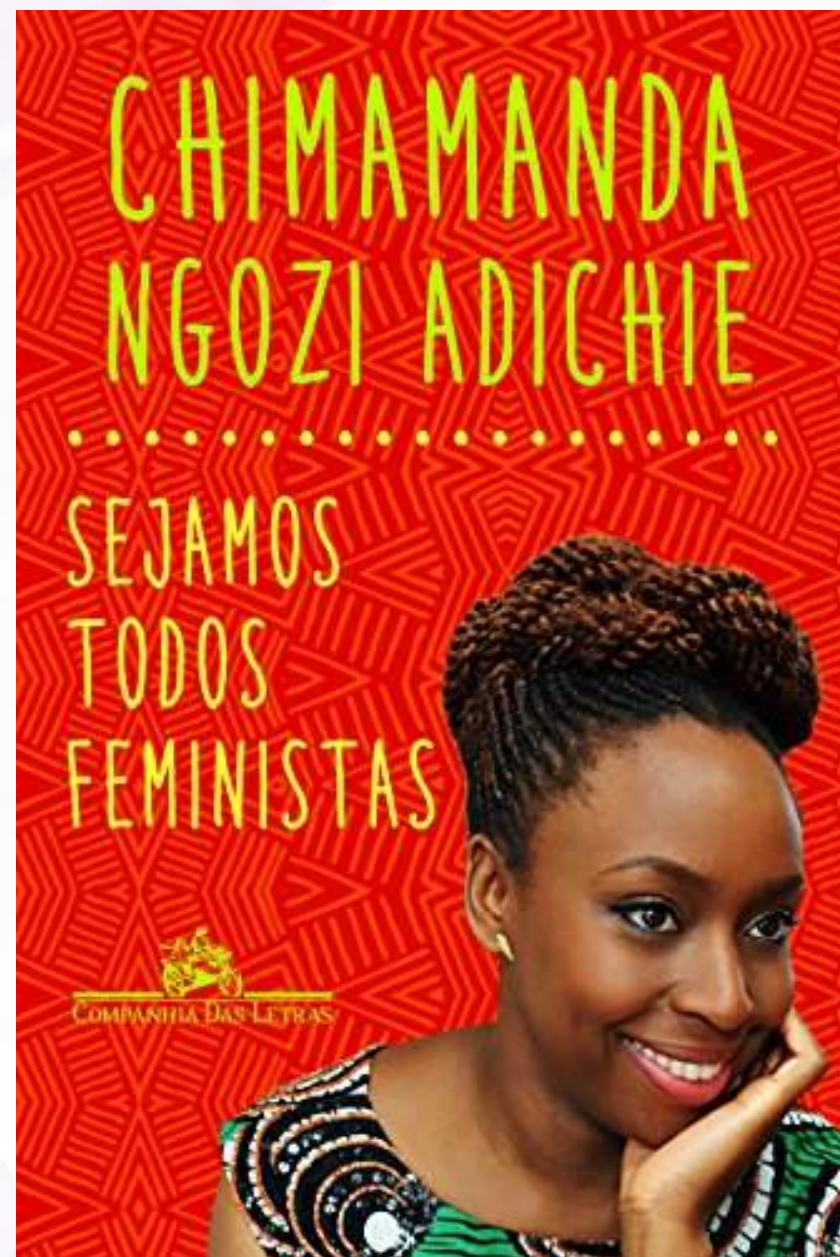
**ABRAÇO**  
Direção de DF Fiuza



## LIVROS



**LUTE COMO UMA GAROTA: 60 FEMINISTAS QUE MUDARAM O MUNDO**  
Laura Barcella e Fernanda Lopes



**SEJAMOS TODOS FEMINISTAS**  
Chimamanda Ngozi Adichie



**PARA ONDE VAMOS? FEMINISMO COMO MOVIMENTO SOCIAL**  
Autoria coletiva



# SINPROJA

Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Jaboatão dos Guararapes

**FILIADO À CN E CUT**